

OUTRA GUERRA DO FIM DO MUNDO

resenha crítica

A obra *Outra Guerra do Fim do Mundo*, de Alexandre Santos, apresenta uma narrativa de ficção científica e distopia geopolítica pós-apocalíptica. Ambientada em tempos futuros e publicada pelas Edições Moinho (Recife, PE), a história constrói uma alegoria crítica sobre a polarização humana e os impactos sociais decorrentes da gestão de crises pandêmicas e do egoísmo sistêmico.

Síntese da Obra e Estrutura Narrativa

A trama se desenvolve décadas após os desdobramentos da pandemia de coronavírus e a sucessão de novas mutações, evento catastrófico denominado "Grande Hecatombe". Esse colapso sanitário e social culminou no surgimento de duas vertentes/espécies de organização comunitária e política antagônicas:

A Banda Oriental – República Democrática dos Jardins (O Paraíso / Jardins):
Organização e Ideologia: Regida pela Solidariedade e pela cooperação (modelo Solieska). Fundamentou seu combate à crise na ciência, em vacinações massivas, quarentenas rigorosas com garantia de renda e investimento em inteligência e tecnologia. Geografia e Estrutura: Tem como capital a futurista e pulsante cidade de Florville (dividida entre o polo produtivo/cultural FlorvillePrime e o distrito administrativo/governamental FlorvilleZeta). A administração máxima do país situa-se na Praça Maior, governada pelo Alto Comando (liderado pelo lendário presidente SantaClara Penalva, ao lado do juiz-ministro Pôncio Veríssimo, da administradora-geral Erika César e do deputado-presidente Jonas Fabricio).

A Banda Ocidental – Federação das Terras do PontoUm (As Profundezas / PontoUm):
Organização e Ideologia: Regida pelo Egoísmo, pelo negacionismo científico e pela busca pelo lucro de curto prazo. O regime apostou na imunidade de rebanho e na privatização das vacinas, o que resultou em infecções em massa, colapso econômico, miséria generalizada e regressão ao limiar da barbárie e do banditismo. Estrutura Social: Trata-se de uma sociedade predominantemente rural, feudal e miserável, sediada em BrazzaCezza e controlada por uma aristocracia nobiliárquica caricata (duques, marqueses, condes e baronetes). Suas elites vivem da espoliação das classes vulneráveis e do desvio de doações humanitárias enviadas pelos Jardins.

O Conflito e o Enredo

O equilíbrio tenso mantido pela fronteira natural (o Rio das Almas e a Floresta Negra) é quebrado quando o Conde Balthazar DanteGaudêncio, herdeiro de um dos mais influentes clãs do PontoUm, articula uma invasão ao território dos Jardins. Manobra de Incursão: Balthazar utiliza uma estratégia em duas frentes: envia o Baronete SouzaRicardo em uma missão ostensiva de saques rumo à capital Florville para atuar como distração ("boi de piranha") para as Forças de Defesa e a Inteligência dos Jardins (liderada pela professora Elena Rábia). Ação Subversiva: Enquanto a defesa dos Jardins se mobiliza contra a ameaça frontal de SouzaRicardo, Balthazar dirige-se clandestinamente à cidade de São Cristóvão (na província de Los Pardos). Lá, ele busca reativar o germe do movimento separatista Los Pardos Libre (MLPL) através de alianças com o antigo líder e vereador CidBoy e o jovem militante Matheus Relicário, visando desestabilizar os Jardins por dentro e conquistar um território próprio.

Análise Crítica

1. Relação com Clássicos Literários e Intertexto

O título ecoa diretamente a obra monumental de Euclides da Cunha, *Os Sertões* (cujo conflito histórico também é referido como "A Guerra do Fim do Mundo", eternizado por Mario Vargas Llosa). No entanto, Alexandre Santos desloca a premissa da civilização versus barbárie para uma perspectiva sociopolítica pós-pandêmica. A oposição Jardins vs. PontoUm evoca tanto a dicotomia bíblica (Céu e Inferno / Paraíso e Profundezas) quanto alusões à *Divina Comédia* de Dante.

2. Espelhamento da Sociedade Contemporânea

A força do romance reside na sua capacidade de satirizar e criticar escolhas políticas e econômicas recentes do mundo real: A crítica ao Egoísmo traduz-se no repúdio a políticas austericidas ("equilíbrios orçamentários" e "solidez da moeda" colocados acima da vida humana). O PontoUm funciona como uma alegoria do ultraliberalismo sem freios e do negacionismo sanitário, onde a ausência do Estado de bem-estar social resulta na destruição do próprio capital e na proliferação de hordas errantes. Por outro lado, Os Jardins encarnam a social-democracia de planejamento central e valorização da ciência, embora o texto não deixe de tensionar essa idealização ao mostrar o rigor autocrático das autoridades em relação a movimentos de dissidência regional ou separatismo (como a condenação rigorosa efetuada pelo juiz Pôncio Veríssimo).

3. Aspectos Formais e Estilo

Construção do Universo (Worldbuilding): O autor detalha minuciosamente a infraestrutura de Florville — com seus modais de transporte subterrâneos e aéreos, urbanismo verticalizado, reaproveitamento energético e ecossistema cultural.

Tom Narrativo e Linguagem: A narrativa transita entre a crônica geopolítica e o romance de espionagem/ação. O uso do humor refinado e da ironia sobressai-se na descrição da nobreza decadente do PontoUm e na solenidade burocrática das instituições dos Jardins (como o juramento poético recitado pelo guardião de fronteira Carlos Junqueira Castro).

Conclusão

Outra Guerra do Fim do Mundo é uma obra de ficção especulativa provocativa que utiliza os tropos do pós-apocalipse para realizar uma anatomia moral da humanidade. Alexandre Santos consegue equilibrar a construção do enredo de tensão geopolítica com uma profunda reflexão ética: demonstra que as escolhas coletivas entre a solidariedade e o egoísmo não definem apenas modelos de governo, mas moldam a própria sobrevivência e o rumo civilizatório da Terra.

OUTRA GUERRA DO FIM DO MUNDO

comentário literário

O romance Outra Guerra do Fim do Mundo, de Alexandre Santos, inscreve-se no campo da ficção especulativa e da distopia sociopolítica com uma proposta audaciosa: projetar os desdobramentos éticos, institucionais e ideológicos de um planeta fraturado após uma catástrofe sanitária sem precedentes. Ao estruturar sua narrativa em torno de dois polos antagônicos — a República Democrática dos Jardins e a Federação das Terras do PontoUm —, o autor constrói uma potente alegoria sobre o presente, utilizando a literatura como um espelho deformante e analítico da condição humana contemporânea.

1. A Construção do Dualismo Geopolítico e Moral

O cerne do romance reside no contraste absoluto entre as duas civilizações criadas no pós-pandemia: Os Jardins (Banda Oriental): Encarna a prevalência do pacto coletivo, da solidariedade e da fé no método científico. Com sua capital futurista, Florville, a

sociedade organiza-se de maneira complexa, combinando sustentabilidade urbana, investimento maciço em saúde pública e um planejamento estatal rigoroso. O PontoUm (Banda Ocidental): Representa o colapso decorrente do egoísmo, do negacionismo e da priorização do lucro imediato sobre a vida. Regredindo a uma estrutura feudalista, desértica e miserável, o PontoUm transforma-se num espaço de barbárie dominado por elites nobiliárquicas caricatas e amorais que vivem da pilhagem e da exploração.

A sofisticação do texto de Alexandre Santos está em não transformar esse dualismo apenas numa fábula maniqueísta superficial. Há uma aguda reflexão sociológica sobre como as escolhas políticas determinam a biopolítica de um povo: a solidariedade e a ciência salvam a estrutura social nos Jardins, enquanto o egoísmo do PontoUm condena sua população à mutação física, regressão cultural e à indigência.

2. Diálogos Intertextuais e Referências Literárias

O próprio título evoca imediatamente o clássico *A Guerra do Fim do Mundo*, de Mário Vargas Llosa (que por sua vez recria *Os Sertões*, de Euclides da Cunha). O autor reinterpreta a clássica dicotomia entre "civilização versus barbárie", mas desloca seus eixos: a barbárie não nasce da ignorância geográfica ou do isolamento continental, mas sim da escolha deliberada pelo negacionismo científico e pela ausência de empatia social. Há também reverberações da tradição alegórica e teológica: A divisão em Céu (Paraíso) e Inferno (Profundezas) evoca diretamente a estrutura da Divina Comédia de Dante — inclusive espelhada nos nomes de personagens como o clã DanteGaudêncio e o conde Balthazar. A cidade de Florville, com seus solos multifacetados, torres elevadas e hipermobilidade, remete às distopias urbanas clássicas da ficção científica (como Metrópolis ou as visões fabris do século XIX).

3. Ironia, Sátira e a Ironia Final da Trama

O tom narrativo oscila habilmente entre o rigor técnico da linguagem institucional e o humor sutil, a sátira e a ironia: A nobreza decadente do PontoUm — repleta de títulos de fachada como duques, baronetes e marqueses criados para mascarar a penúria moral e econômica — funciona como uma ácida crítica às elites parasitárias. A burocracia dos Jardins, por sua vez, é retratada em sua solenidade quase poética, como exemplificado no juramento dramático recitado diariamente pelo guardião Carlos Junqueira Castro. O ápice do valor literário do romance, contudo, encontra-se na reviravolta biológica e filosófica da trama. O conde Balthazar, ao deflagrar a guerra biológica com o vírus PhatsGou / VDFM-1, explora uma vulnerabilidade paradoxal dos Jardins: a sociedade "perfeita", hiper-vacina e protegida pela ciência tornou-se biologicamente frágil e dependente de imunizantes contra cepas conhecidas. Em contrapartida, a população do PontoUm, exposta durante décadas às mais imundas epidemias devido ao negacionismo e ao desdém sanitário, desenvolveu uma imunidade natural violenta e "bruta". Esse contraste traz uma reflexão incisiva: a

ignorância e a barbárie, ao sobreviverem às suas próprias tragédias, acabam por devorar a civilização refinada que se julgava invulnerável.

Conclusão

Outra Guerra do Fim do Mundo afirma-se como um romance provocativo, denso e de forte apelo contemporâneo. Alexandre Santos consegue aliar uma narrativa ágil de conspiração, espionagem geopolítica e ataque terrorista a uma profunda meditação filosófica sobre os rumos da humanidade. É uma obra que adverte que a verdadeira "hecatombe" não é apenas a eclosão de um vírus, mas sim a erosão dos laços de solidariedade e da razão que sustentam o tecido civilizatório.

